

DISCURSOS DOS DOCENTES SOBRE TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CURRÍCULO DOS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jéssica Do Nascimento Carneiro

Pedagoga, Mestre em Educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Deise Juliana Francisco

Psicóloga, professora Doutora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

RESUMO

O presente artigo insere-se nos resultados de uma pesquisa de Mestrado, em que traz a discussão sobre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no curso de Pedagogia numa determinada Universidade². Para isso, tem-se uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso e entrevista semiestruturada realizada com quatro docentes do curso de Pedagogia. Nessa perspectiva, o artigo problematizou o discurso dos entrevistados sobre como as TDIC e suas interfaces se articulam à construção do sujeito, a partir de um currículo que engloba os dispositivos tecnológicos para o ensino e aprendizagem. Dessa forma, pode-se destacar como as relações de saber-poder se articulam no currículo, com o apoio das TDIC, que tornam os sujeitos com habilidades e competências para o mercado de trabalho. Assim, o estudo trouxe a discussão da formação dos discentes do curso de Pedagogia, a partir da integração das TDIC no currículo, trazendo como enfoque o contexto da sociedade capitalista, que vislumbra a produtividade, autonomia, criatividade e a flexibilidade, tendo como aporte teórico Michel Foucault. Por fim, para análise dos dados, as falas dos entrevistados foram discutidas nos seguintes eixos: TDIC e currículo: da teoria à prática; TDIC e Currículo: a inserção das tecnologias em sala de aula; TDIC e a construção do sujeito.

Palavras- chave: TDIC. Currículo. Biopoder

TEACHER DISCOURSE ABOUT DIGITAL TECHNOLOGIES IN THE CURRICULUM OF THE COURSES OF THE PEDAGOGY COURSE

ABSTRACT

This article is part of the results of a master's research, which brings the discussion on digital information and Communication technologies (TDIC) in the pedagogy course at a given university ². For this, we have a qualitative research of case study type and semi-structured interview conducted with four professors of the pedagogy course. From this perspective, the article problematized the discourse of the interviewees about how the tdic and its interfaces are articulated to the construction of the subject, from a curriculum that encompasses the technological devices for teaching and learning. Thus, it can be highlighted how the relations of knowledge-power are articulated in the curriculum, with the support of the tdic, which make the subjects with skills and competencies for the labor market. Thus, the study brought the discussion of the formation of the students of the pedagogy course, from the integration of the tdic in the curriculum, bringing as a focus the context of the capitalist society, which envies productivity, autonomy, creativity and flexibility, With the theoretical contribution of Michel Foucault. Finally, for data analysis, the interviewees ' statements were discussed in the following axes: Tdic and Curriculum: from theory to practice; Tdic and Curriculum: the insertion of technologies in the classroom; Tdic and the construction of the subject.

Keywords: TDIC. Curriculum. Biopower

DISCURSOS DE LOS DOCENTES SOBRE TECNOLOGÍAS DIGITALES EN EL CURRÍCULO DE LOS DISCENTES DEL CURSO DE PEDAGOGÍA

RESUMEN

El presente artículo se inserta en los resultados de una investigación de Maestría, en la que trae la discusión sobre las Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación (TDIC) en el curso de Pedagogía en una determinada Universidad. Para ello, se tiene una investigación cualitativa del tipo estudio de caso y entrevista semiestructurada realizada con cuatro docentes del curso de Pedagogía. En esa perspectiva, el artículo problematizó el discurso de los entrevistados sobre cómo las TDIC y sus interfaces se articulan a la construcción del sujeto, a partir de un currículo que engloba los dispositivos tecnológicos para la enseñanza y el aprendizaje. De esta forma, se puede destacar cómo las relaciones de saber-poder se articulan en el currículo, con el apoyo de las TDIC, que hacen a los sujetos con habilidades y competencias para el mercado de trabajo. Así, el estudio trajo la discusión de la formación de los alumnos del curso de Pedagogía, a partir de la integración de las TDIC en currículo, trayendo como enfoque el contexto de la sociedad capitalista, que vislumbra la productividad, autonomía, creatividad y flexibilidad, teniendo como aporte teórico Michel Foucault. Por último, para el análisis de los datos, las palabras de los entrevistados discutidas en los siguientes ejes: TDIC y currículo: de la teoría a la práctica; TDIC y Currículo: la inserción de las tecnologías en el aula; TDIC y la construcción del sujeto.

Palabras-clave: TDIC. Plan de estudios. Biopoder.

Introdução

Com o desenvolvimento das TDIC, a sociedade passou a vivenciá-las no contexto pessoal, profissional e educacional, de forma que os dispositivos tecnológicos proliferaram em conjunto na vida do sujeito. Hoje, o mercado profissional exige, além de uma qualificação na área, a habilidade no uso das tecnologias digitais, num processo de tornar o trabalho mais produtivo e produzir um sujeito com agilidade e habilidades, considerando que as TDIC transformam o tempo em atemporal e o espaço físico em virtual. Por outro lado, o sujeito também tem uma necessidade de se integrar às TDIC, para entrar em uniformidade com as “famosas redes sociais”, já que, atualmente, estar incluído na sociedade é estar em conectividade com as redes, numa perspectiva de se manter em tempo real.

Um dos espaços de formação de sujeito e de disseminação do conhecimento é o ambiente educacional. Hoje, o processo de ensino está integrando as TDIC nas salas de aula, com o objetivo de realizar mediações no processo de construção do conhecimento, a partir de suas possibilidades e potencialidades para com a formação de seus alunos. Para isso, o currículo, ferramenta de organização, não apenas de conhecimento, mas também de toda uma funcionalidade que integra a escola, que orienta o professor e conduz o aluno, traz vertentes que envolvem relações de poder, subjetividade, cultura e saber. Conforme Silva (2013, p. 15): “O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo”. Ou seja, o currículo não é neutro. O currículo atende às

necessidades da sociedade, ele é social e cultural. Nele, existem práticas de relações de saber-poder, perpassando pelas ações educativas. Nestas, os anseios e exigências da sociedade são possibilitados a partir de como o currículo está sendo construído, numa perspectiva de que a escola está inteiramente integrada aos processos econômicos e políticos da sociedade.

Em uma proposta de analisar como as TDIC são discutidas por parte dos professores do curso de Pedagogia (a identidade da universidade está omissa para avaliação) na formação dos graduandos do curso, o presente artigo problematiza o discurso dos professores entrevistados do curso, sobre a apropriação das TDIC na formação dos discentes de Pedagogia. Dessa forma, o texto trará uma discussão com base nos documentos legais que apontam o uso das TDIC nas práticas de ensino e na formação dos graduandos do curso de Pedagogia na por parte dos professores, a partir de uma análise sobre o biopoder, tendo o enfoque na subjetivação quanto ao *Homo oeconomicus* na sociedade contemporânea, ambos tratados por Michel Foucault. Conforme Pelbart (2000) é preciso entender as formas instaladas na contemporaneidade que estão dando novos sentidos à subjetividade.

Movimento metodológico

A pesquisa qualitativa se prende a compreender e analisar os acontecimentos num campo social. De modo exploratório, esse tipo de pesquisa permite ao investigador entender e discutir sobre os aspectos levantados sobre o contexto investigado, pois conforme os autores: “A pesquisa qualitativa, portanto, envolve a aplicação de métodos lógicos, planejados e meticulosos para coleta de dados e uma análise cuidadosa, ponderada e, sobretudo, rigorosa” (POPE; MAYS, 2009, p. 18). Dessa forma, ela nos oferece instrumentos de construção de dados que possibilitam, enquanto investigadores, nos aproximarmos das problemáticas existentes da pesquisa, como também nos possibilita conhecer o contexto que será estudado, suas relações e os participantes envolvidos.

Como embasamento teórico, foram utilizados os deixados do filósofo francês Michel Foucault, o principal teórico dessa pesquisa. A escolha e a pertinência em utilizar suas obras, se deu a partir da discussão sobre os interesses políticos e sociais na formação do sujeito, tendo como ambiente de análise de estudo, o contexto da atualidade, a sociedade neoliberal. A sua discussão sobre as relações de saber-poder delineou a discussão da pesquisa, destacando sobre as relações existentes no fazer sujeito, dentro de

um espaço social, que viabiliza a disseminação do conhecimento e formação para o mercado de trabalho, a Universidade.

Para aprofundar a discussão, foram entrevistados quatro docentes do do curso de Pedagogia, que trabalham em suas disciplinas, o uso das TDIC e suas interfaces, integralizando o processo de ensino-aprendizagem. No tocante à seleção dos professores se deu a partir da análise das ementas do curso, no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia, em que apresentam como ponto norteador a integração das TDIC nas práticas de ensino. As outras disciplinas tiveram como seleção, uma conversa informal com os alunos da turma de 2016.1 e por indicação dos professores no momento da entrevista.

As entrevistas ocorreram na Universidade de estudo e a forma de registrar o discurso se deu por escolha dos docentes, já que foram dadas as possibilidades de ser uma entrevista escrita ou gravada. Conforme a Resolução 466/12, os dados ficarão sob a responsabilidade da pesquisadora deste estudo, durante 5 anos.

Com o uso de uma entrevista semiestruturada com treze perguntas, foram trazidas questões sobre o percurso pessoal do entrevistado com o uso das TDIC, as formas como as TDIC eram promovidas na formação dos alunos, as ferramentas trabalhadas em sala de aula e os efeitos com o seu uso. A análise das falas foi estruturada pelos seguintes eixos: a) TDIC e currículo: da teoria à prática, b) TDIC e Currículo: a inserção das tecnologias em sala de aula e b) TDIC e a construção do sujeito.

A construção da subjetividade nas relações saber-poder: a tematização das TDIC

Discutir poder na perspectiva de Foucault consigna em destacar que “Ele estudou o poder não para criar uma teoria de poder, mas para identificar os sujeitos atuando sobre os outros sujeitos” (FERREIRINHA; RAITZ, 2010, p. 370). E complementando com as autoras, Brígido (2013) menciona que nas relações humanas está presente o poder e segue ao dizer que o sujeito não percebe essa inserção do poder de uma forma nítida. Neto (2010) estabelece, segundo os pressupostos de Michel Foucault, a discussão do termo poder, em que este se caracteriza não apenas como um ponto estratégico de dominação como o Estado, mas sim, está presente em todo campo social: “não sendo, portanto, propriedade, essência ou privilégio de ninguém, de nenhuma classe” (p.25). Para Brígido (2013, p. 60): “Através de seus mecanismos, o poder atua como uma força coagindo, disciplinando e controlando os indivíduos”. E, com isso, promove subjetividades. Foucault (1995, p. 235), destaca:

[...] É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e toma sujeito a.

Foucault (1987) ao tratar as relações de poder traz a questão do corpo que, ao fim dos suplícios, o corpo continua sendo dominado pela força física, mas não com agressões, mas sim, uma dominação que atende à postura do corpo, a sua disciplina, o corpo como objeto de ordem. Dessa forma, pode-se discutir como essa relação de poder se dava sobre o corpo, destacando que as relações se constituíam pela aquisição de ações sobre o sujeito, como um objeto que perpassa por modelos de apropriação, em que cada época, o corpo servia de condições para o firmamento do poder sobre os sujeitos, o corpo sendo assujeitado por cada contexto histórico. Para Mendes (2006, p. 168), “Essa matéria física não é inerte, sem vida, mas sim uma superfície moldável, transformável, remodelável por técnicas disciplinares e de biopolítica”. O autor afirma que o corpo seria uma estrutura para o processo de subjetivação. Para Rose (2001, p.139), tem:

A subjetivação é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar - ou operam para transformar - o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das políticas de outros sobre eles.

Ainda sobre a dominação do sujeito pelo corpo, Foucault (1987) coloca que o corpo é de uma existência biológica, como também política, e nessa condição política que há as relações de poder envolvidas, onde se estrutura o processo de subjetivação. Dessa forma, considera:

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1987, s/p).

Ao destacar esse excerto, é pertinente discutir como essa força age sobre o corpo. Para isso, Foucault (1987) aponta que não é apenas pela forma violenta, mas também de uma forma organizada, mas de toda forma, física. Assim, essa relação existente, passa a ser considerado por Foucault (1987), um saber e um controle sobre o corpo que se é reconhecido como tecnologia política do corpo. Sobre a tecnologia política do corpo: “Além disso, seria impossível localizá-la, quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho do Estado. Estes recorrem a ela; utilizam-na, valorizam-na ou impõem algumas de suas maneiras de agir” (FOUCAULT, 1987, s/p). Assim como mencionado, as instituições e o Estado buscam essa tecnologia política do corpo.

Com isso, é preciso analisar com um espaço onde está possibilitando o conhecimento, como a Universidade, promove a construção de subjetividades e de quais ferramentas, corroboram para o processo de *homo oeconomicus*, discutido por Foucault, a partir de um contexto neoliberal traçado pela apropriação de diversas ferramentas tecnológicas. Para tratar essas análises, a discussão fará frente a inserção das TDIC no currículo do curso de Pedagogia.

Construção do sujeito na sociedade neoliberal

Para Foucault, na sociedade neoliberal, o sujeito é um *Homo oeconomicus*, que significa um empresário de si, aquele que o sujeito é seu próprio produtor “[...] sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda” (FOUCAULT, 2008, p. 311). Loureiro (2013) destaca que, atualmente, para a construção desse sujeito produtivo de si, ele precisa estar apropriado das ferramentas digitais:

Na atualidade, cada vez mais parece que as habilidades requeridas à constituição do *Homo oeconomicus* estão implicadas com a capacidade do sujeito de ter acesso e fazer uso das TD, estar conectado – por meio da internet – e estar disponível para acessar e para ser acessado. Nesse sentido, os programas de disseminação das TD e promoção da ID¹a educação parecem funcionar como formas de investimentos em estratégias que objetivam a condução das condutas para a constituição desses sujeitos, que precisam desenvolver habilidades para ampliar as suas possibilidades de participação nos modos de viver que são próprios deste tempo (LOUREIRO, 2013, p. 15).

¹ Inclusão Digital.

Numa postura de desenvolver um sujeito autônomo, interativo, participativo e criativo, as TDIC e sua inserção num ambiente de formação, vêm possibilitando uma quebra de fronteiras e uma inclusão de ferramentas que proporcionam a construção do conhecimento e disseminam informação entre aqueles envolvidos. Na aquisição de uma sociedade em que se presencia uma cultura midiática, o sujeito contemporâneo tem a necessidade de uma formação voltada pela era digital. Segundo Castanheira e Correia (2011), Foucault nos seus últimos estudos, deixou de relacionar os sujeitos com os jogos de verdade de modo coercitivo e passou a integra-los “uma prática de autoformação do sujeito”.

Segundo Loureiro (2013, p. 15), “[...] é fundamental que desenvolvam habilidades como autonomia, intuição, criatividade, capacidade de desenvolver aprendizagem permanente [...]”. Segundo Sibilia (2012, p. 43), “(...) sujeitos equipados pra funcionar com eficiência dentro do projeto histórico do capitalismo industrial”. O sistema capitalista provoca em suas características, uma dominação de exigências para a permanência do sujeito na sociedade, é dentro dele, por meio da individualidade, competência e concorrência, que fatores são impostos ao mercado a fim de ampliar a sua força econômica, e dessa forma, o corpo é um objeto de dominação que é apresentado aos esquemas do capitalismo durante sua formação e permanência no campo de trabalho. Conforme Foucault (2008, p.318):

Se inovação existe, isto é, se se encontram coisas novas, se se descobrem novas formas de produtividade, se se fazem invenções de tipo tecnológico, tudo isso nada mais é que a renda de um certo capital, o capital humano, isto é, o conjunto dos investimentos que foram feitos no nível do próprio homem.

Ao destacar a expressão de “capital humano” trabalhado por Foucault, pode-se mencionar como esse termo está ligado a uma rede de relações que operam para a construção do sujeito, numa medida de viabilizá-lo numa esfera mediada por interesses sociais e econômicos, como na sociedade neoliberal. Produzir um sujeito que integre a uma política de crescimento em geral, como também a consolidação do eu enquanto produtor conduz numa esfera de relações associáveis as necessidades do mercado, em que “(...) se valorizam a livre iniciativa, a motivação, o perfil empreendedor e a vocação proativa, como atitudes capazes de mover os mercados e gerar benefícios” (SIBILIA, 2012, p.48). Assim, ao retratar sobre a política de crescimento, Foucault (2008, p. 319), menciona:

[...] uma política de crescimento que será centrada muito precisamente numa das coisas que o Ocidente, justamente, pode modificar com maior facilidade e que vai ser a modificação do nível e da forma do investimento em capital humano. É para esse lado, de fato, que se vê claramente que se orientam as políticas econômicas, mas também as políticas sociais, mas também as políticas culturais, as políticas educacionais, de todos os países desenvolvidos.

Trazer esse investimento para o século XXI se faz pertinente analisar como essas políticas estão presentes e como a formação do sujeito depende da execução de qualidade delas. O sujeito formado pelo sistema capitalista passa a vivenciar durante a sua formação, um controle de saber operar e como operar de forma autônoma e com produtividade. Com a cultura midiática, esse sistema de operacionalizar com autonomia e produtividade ganhou força com o advento das interfaces tecnológicas na construção do sujeito.

A inclusão das TDIC vem contribuindo para o processo de formação do sujeito, no ambiente educacional. Fazer uso dos diferentes *softwares*, programas, aplicativos tecnológicos trouxe aos alunos uma nova forma de se apropriar do mundo, numa preparação para o âmbito profissional, de forma que “são proativos, inovadores, inventivos, flexíveis, com senso de oportunidade, com notável capacidade de provocar mudanças, etc.” (GADELHA, 2009, p.156).

Nessa medida, a partir das palavras de Gadelha (2009), volta-se ao conceito do termo de Foucault ao discutir o sentido de *Homo oeconomicus*, em que o sujeito passa a ser “um empresário de si mesmo” (FOUCAULT, 2008, p. 311). Conforme Furtado e Szapiro (2015), com a modernidade, o homem passou a fazer suas escolhas, com autonomia, como mencionam: “o homem se tornou capaz de governar a si mesmo” (p. 169).

Diante de um cenário social marcado pelas transformações, em que os sujeitos precisam estar inseridos nas mudanças que são consolidadas pelos avanços tecnológicos, o campo da Educação passou a construir um espaço onde o conhecimento está alicerçado pelos modelos de ensino que diferem dos tradicionais. Silva (2008, p. 360), discorre:

No trajeto da globalização do capitalismo, a modernização das sociedades ancorada nos processos de tecnologização e informatização faz com que se reorganizem os sistemas de ensino, redefinindo o que se aprende e para que se aprende, pautando-se cada vez mais nas exigências atuais, mundiais, afinadas com a técnica e com o trabalho modificado.

Dessa forma, como se pode analisar diante do mencionado, a preparação para a formação dos alunos, passou a ser viabilizado por uma via de consonância do que vem sendo proposto pela sociedade marcada pela tecnologia. Tendo em vista os percalços para

essa proposta, em que “O uso de TDICs em sala de aula, principalmente em escolas públicas com poucos recursos tecnológicos e de apoio profissional é um dos desafios a ser vencido no Brasil” (FONSECA; BARRÉRE, 2013, s/p). Pois, apesar de muitas escolas não incluírem as TDIC no processo de ensino, seja por motivo cultural, ou seja, por condições políticas que não investem em máquinas e não comportam o acesso à Internet, a vivência de uma época coberta por informações em tempo real, em que as TDIC passaram a conquistar espaços nos currículos das escolas, em que possibilitam um esquema de resultados para com os sujeitos em processo de aprendizagem, oportunizando-os para uma cultura do saber fazer, em que novas habilidades são exigidas, numa sociedade organizada por interesses, vigentes de uma época configurada pela pós-modernidade.

Currículo

No campo da Educação, tem-se debatido diferentes questões acerca do processo de ensino e aprendizagem, bem como sua relação com a formação de professores e de que como isso reflete em sala de aula. Hoje, a sociedade tem como exigência, a prática de um sistema que integra as características de uma sociedade contemporânea, onde a inovação e a produtividade caminham para um viés de crescimento econômico. Para Pereira et. al. (2013, p. 218): “São marcas de um tempo que provocam nexos às novas e aceleradas formas de produção, sistematização e disseminação de conhecimento”.

No processo de formação, há pontos centrais para que se efetive uma educação de qualidade, que seja embasada em uma organização de propostas que proporcionem uma aprendizagem voltada para a participação ativa, reflexiva e crítica do aluno. Conforme Oliveira (2008), a escola é um espaço que pode possibilitar a construção de uma sociedade mais integrada aos preceitos de uma sociedade cidadã:

A escola, por meio do currículo, é uma das instituições capazes de contribuir para que a realidade do mundo contemporâneo seja refletida e conscientizada pelos alunos, aproximando-se da sociedade, sobretudo da comunidade onde está inserida. Precisa, portanto, de um currículo que verdadeiramente colabore para a consecução do ideal educativo como paidéia, uma formação que construa o homem como homem e como cidadão (OLIVEIRA, p.546).

Para isso, é preciso analisar como o currículo está presente nas vivências educacionais e em conjunto à formação do aluno, entendendo que relações de poder fracionam o que ensinar e como ensinar. Conforme Popkewitz (2011, p. 185), “O currículo, pois, pode ser visto como uma invenção da Modernidade, a qual envolve formas

de conhecimento cujas funções consistem em regular e disciplinar o indivíduo”. Para dialogar essas vertentes no contexto educacional - espaço com diferentes culturas -, é preciso destacar e analisar o papel da escola e de todos os sujeitos envolvidos nesses desafios. Viabilizar um conjunto de ações a serem trabalhadas no espaço formal de educação requer um trabalho integrado pela via de um planejamento centrado em possibilitar ao aluno conhecer e ressignificar o que é proposto. Para Cunha (2011, p. 579):

Discutir currículo significa discutir a própria educação formal, pois diante de qualquer aspecto que se queira abordar na área, seja a política curricular, a prática pedagógica, as representações sobre diversos elementos, as questões das diversidades, a organização escolar, dentre outros, não há como negar a eminência de um campo de estudos que se dedica a compreender os movimentos de construção da escolarização e seus significados.

No contexto de uma formação centrada na reflexão e na participação ativa do aluno, o currículo demanda desenvolver ações que dialoguem com relações sociais da sociedade. Conforme Oliveira (2008), o currículo deve ser construído com base no contexto social, cultural e histórico, e principalmente, para que possa atender as necessidades da sociedade. Para Malta (2013), o currículo perpassa por “uma área impregnada de valores, ideologias, forças, interesses e necessidades e exige, para uma definição mais exata, a explicitação de um quadro de referência filosófica, histórica, política”. Ou seja, dentro da organização curricular, diferentes valores são colocados, empregados de forma que eleva a marca da dualidade de um espaço, no qual são condicionados a corresponder um jogo de relações, para com um público de interesse.

Na atualidade, em que há uma crescente ordem de um mercado cada vez mais competitivo e produtivo, a escola, espaço que promove o conhecimento, passou a integrar as necessidades da sociedade neoliberal para com a formação dos sujeitos. Hoje, pode-se atentar como o ensino passou a integrar aos moldes e a padronizar o ensino em cada vez mais quantificado. Nessa medida, pode-se entender como o currículo está sendo proposto ao aluno e de que forma essa construção está partilhando na formação do aluno. Para Oliveira (2016, p. 392): “O currículo é influenciado e construído pelos discursos dos segmentos da sociedade que consideram os conhecimentos que são incluídos no currículo e aqueles que são excluídos”. E desta forma, pode-se entender como a estruturação do currículo produz um modelo de sujeito a serviço da sociedade, de modo que consolida a massificação do poder econômico, e assim, vislumbra o papel da escola frente a essas

relações de poder que produz subjetividades, em todo momento. Segundo Pacheco (2009, p. 386):

Analisando-se os efeitos da globalização na educação, observa-se que a escola, sutil e progressivamente, age segundo certas regras de mercado e impulsiona a ideia de que somente a competitividade dos resultados, balizados por um núcleo central de saberes pragmáticos, pode solucionar os problemas da economia.

A escola ao mesmo tempo em que forma um sujeito apto à obediência de regras, colocando-o à prova com a aplicação de avaliações e classificações, como um ensaio da vivência pós-formação escolar, adaptando-o a uma sociedade capitalista competitiva e produtiva, também investe na formação de um sujeito que atenda às necessidades do mercado, formando um indivíduo com habilidades e competências e que possa oferecer à sociedade, “máquinas” autônomas, ativas e criativas.

Discurso dos professores

Para compreender como as TDIC estão inseridas por parte dos docentes entrevistados, os dados coletados foram destrinchados em dois eixos que possibilitaram relacionar com os conceitos discutidos neste artigo, trazendo assim, a discussão por parte de promoção de subjetividades e as relações de saber-poder.

TDIC e Currículo: da teoria à prática

O currículo não emite neutralidade, ele é o processo que fundamenta as categorias da metodologia de ensino, de modo que perpassa por uma rede de instâncias da instituição educacional. Conforme Neves (2014, p. 2): “O currículo é o núcleo do processo pedagógico. Orienta o projeto pedagógico, o planejamento docente, a prática pedagógica, a metodologia, a avaliação, as relações e também as políticas públicas”.

Assim, ao perceber, o currículo não atende apenas a estruturação dos conteúdos das disciplinas, mas sim aos elementos fundamentais do processo de ensino-aprendizagem, no qual o professor coloca em evidência a sua organização de ensino. Para o entrevistado 1: “Currículo é vida. Currículo é tudo que temos que considerar, que organiza a vida acadêmica do professor, do aluno. São as ações que permeiam a prática pedagógica do professor e sua relação com os alunos”.

Como mencionado pelo entrevistado 1, o currículo é a organização do processo de ensino- aprendizagem, de tal forma que perpassa pelas ações do professor e do aluno. Para

o entrevistado 2, o currículo também perpassa por uma rede de mecanismos que compreendem o processo de ensino-aprendizagem, como também na aquisição de preparação para os futuros docentes que estão em formação. Com isso, ele aponta: “Então, o currículo é na minha visão, num é, ele é compreendido como um conjunto de disciplinas, de saberes, de metodologias e fazeres, pra fazer com que esse sujeito compreenda como é possível lecionar. Então, desde o planejamento, da avaliação, né, tudo isso se constrói essa forma curricular” (ENTREVISTADO,2). Mas, por outro lado, pode-se também trazer a definição de currículo que transcende a uma organização de conteúdos e uma relação entre professor e aluno. Conforme Veiga-Neto (2004, p. 157 e 158):

Na medida em que hoje estão acontecendo profundas e rápidas modificações espaço-temporais, é importante conhecer não apenas quais são os novos papéis reservados ao currículo, mas também quais as implicações políticas que terá o alargamento de seu conceito para os âmbitos sociais e culturais que transcendem a escola.

Pois o currículo é um campo que atende muito além da estruturação de conteúdos, ele atende cada contexto histórico e o que as exigências dessa sociedade preconiza. Para Silva (2013, p.15), as teorias do currículo passam pelas seguintes indagações:

Qual é o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimizada e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno estado-nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizada nas teorias educacionais críticas?.

Assim como mencionado, a estruturação do currículo perpassa por questionamentos a partir de jogos de interesses. Com isso, dentro desses jogos de interesses, têm-se as relações de poder que implicam através de discursos, de forma direta, na formação dos sujeitos. Para o entrevistado 4, a significação de currículo transpassa um instrumento de organização de formação e possibilita também a emissão de direcionamento do contexto social, onde: “Currículo na verdade é como se organiza esses conteúdos para que momento e pra formar que sujeito, né?! Por que que eu tô dando este tipo de conteúdo? Sistematizado dessa forma? Pra essa época? E pra essa sociedade?” (ENTREVISTADO 4).

Nessa condição, é compreender o que está sendo considerado válido para adentrar ao modelo de sociedade atual. De tal modo que é considerável analisar como o processo de formação do currículo está sendo evidenciado para com os sujeitos em formação. Conforme Silva (2013), há um processo dotado de uma seleção do que irá constituir o

conhecimento e os saberes presentes no currículo, incluindo perguntas, tais como: “Qual é o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? (...) Será a pessoa otimizadora e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação?” (SILVA, 2013, p. 15). O entrevistado 4 cita algumas destas preocupações.

Na contemporaneidade, o sistema está prevalecendo à conduta de sujeitos ativos, flexíveis e ao mesmo tempo, competitivos. E, é neste momento, que a construção do currículo dá espaços para as exigências da sociedade, onde os interesses econômicos estão envolvidos. Foucault (1987, 1999 e 2008), trouxe em suas considerações, os modelos de cada época para situar como o corpo era vislumbrado: no poder soberano, o corpo atendia as punições físicas; no poder disciplinar, o corpo era disciplinado e a docilidade era transformada em utilidade; e, por fim, no marco presente, tem-se o biopoder, no qual novas formas de relações de poder são conectadas e novas respostas dos sujeitos são dadas, ou seja, a promoção de subjetividades, de tal modo que atendem aos requisitos e satisfações do sistema marcado por instrumentos de apoio.

TDIC e Currículo: a inserção das tecnologias em sala de aula

O currículo não emite neutralidade, ele é o processo que fundamenta as categorias da metodologia de ensino, de modo que perpassa por uma rede de instâncias da instituição educacional. Para o entrevistado 1: “Currículo é vida. Currículo é tudo que temos que considerar, que organiza a vida acadêmica do professor, do aluno. São as ações que permeiam a prática pedagógica do professor e sua relação com os alunos”. Como mencionado pelo entrevistado 1, o currículo é a organização do processo de ensino-aprendizagem, de tal forma que perpassa pelas ações do professor e do aluno.

Para o entrevistado 2, o currículo também perpassa por uma rede de mecanismos que compreendem o processo de ensino-aprendizagem, como também na aquisição de preparação para os futuros docentes que estão em formação. Com isso, ele aponta: “Então, o currículo é na minha visão, num é, ele é compreendido como um conjunto de disciplinas, de saberes, de metodologias e fazeres, pra fazer com que esse sujeito compreenda como é possível lecionar. Então, desde o planejamento, da avaliação, né, tudo isso se constrói essa forma curricular” (ENTREVISTADO, 2). Mas, por outro lado, pode-se também trazer a definição de currículo que transcende a uma organização de conteúdos e uma relação entre professor e aluno. Conforme Veiga-Neto (2004, p. 157 e 158):

Na medida em que hoje estão acontecendo profundas e rápidas modificações espaço-temporais, é importante conhecer não apenas quais são os novos papéis reservados ao currículo, mas também quais as implicações políticas que terá o alargamento de seu conceito para os âmbitos sociais e culturais que transcendem a escola.

Pois o currículo é um campo que atende muito além da estruturação de conteúdos, ele atende cada contexto histórico e o que as exigências dessa sociedade preconiza. Para Silva (2013, p.15), as teorias do currículo passam pelas seguintes indagações:

Qual é o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimizada e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno estado-nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizada nas teorias educacionais críticas?.

Assim como mencionado, a estruturação do currículo perpassa por questionamentos a partir de jogos de interesses. Com isso, dentro desses jogos de interesses, têm-se as relações de poder que implicam através de discursos, de forma direta, na formação dos sujeitos. Para o entrevistado 4, a significação de currículo transpassa um instrumento de organização de formação e possibilita também a emissão de direcionamento do contexto social, onde: “Currículo na verdade é como se organiza esses conteúdos para que momento e pra formar que sujeito, né?! Por que que eu tô dando este tipo de conteúdo? Sistematizado dessa forma? Pra essa época? E pra essa sociedade?” (ENTREVISTADO 4).

Na contemporaneidade, o sistema está prevalecendo à conduta de sujeitos ativos, flexíveis e ao mesmo tempo, competitivos. E, é neste momento, que a construção do currículo da espaços para as exigências da sociedade, onde os interesses econômicos estão envolvidos. Foucault (1987, 1999 e 2008), trouxe em suas considerações, os modelos de cada época para situar como o corpo era vislumbrado: no poder soberano, o corpo atendia as punições físicas; no poder disciplinar, o corpo era disciplinado e a docilidade era transformada em utilidade; e, por fim, no marco presente, tem-se o biopoder, no qual novas formas de relações de poder são conectadas e novas respostas dos sujeitos são dadas, ou seja, a promoção de subjetividades, de tal modo que atendem aos requisitos e satisfações do sistema marcado por instrumentos de apoio. Conforme Silva (2013, p. 16): “Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder”.

TDIC e a construção do sujeito

Tendo o ambiente educacional como construção do conhecimento e onde as TDIC são inseridas, é pertinente perceber como uma aprendizagem com as TDIC favorecem potencialidades na formação dos sujeitos, a partir da visão dos docentes que ministram suas aulas com a mediação dessas tecnologias. Para o entrevistado 1, as TDIC possibilitam a formação de um sujeito diferente daqueles que não usam, destacando como principal mudança, a forma da escrita:

Sou até suspeito em dizer. É muito diferente os alunos que utilizam dos alunos que não utilizam. É muito mais fácil para eles, seja na forma de aprender, na escrita e na interpretação e na facilidade de retornar a comunicação que é mais ágil. A relação com o professor e a gente começa a observar que eles começam a tomar cuidado com a escrita, eles pensam antes de colocar. Em todas as disciplinas, utilizo as tecnologias (ENTREVISTADO 1).

Como pode perceber, o entrevistado 1 elenca a forma de aprender, a escrita, a interpretação e a versatilidade na comunicação a partir de um trabalho com o uso das TDIC, em sua disciplina. Não é só visto na fala desse entrevistado, como também pela própria discussão das habilidades e competências que as TDIC possam contribuir na perspectiva de trazer o sujeito pra um contexto que viabiliza um sujeito que se adapta as mudanças, um sujeito versátil, ágil, flexível e criativo.

Foucault (2008) revive o conceito de *Homo oeconomicus* numa perspectiva neoliberal, onde se marca por um sujeito que se auto produz, que é seu próprio empresário. Dessa forma, numa percepção de sujeito que está inserido na sociedade contemporânea, num mercado capitalista, em que as relações de poder são instauradas pela configuração de artefatos tecnológicos que promovem subjetividades, destacando um ambiente que possibilita capacitações para sujeitos atender a demanda da atualidade.

Cada vez mais, com as exigências do mercado, o sujeito está perpassando por uma necessidade de se autoqualificar e, principalmente, se apropriar das inovações que estão marcando essa época. Foucault (2008) menciona o sentido de competência como uma máquina que está firmada no sujeito, tendo como significação o sentido de que esta máquina se dará como produção. De acordo com o entrevistado 1, a formação do sujeito passa a destacar pelo fato de:

[...] por demonstrar habilidades e competências técnicas e pedagógicas em utilizar as tecnologias e na resolução de problemas. Quando ele mostra que é mais ágil na busca de resolução. Mais criativo, ele consegue

se relacionar melhor com os seus pares. É a questão de demonstrar mais conhecimento, ele passa a ser uma pessoa informada e atualizada.

E, dessa forma como mencionada, pode-se fazer relação com o conceito de competência trabalhado por Foucault (2008), ao trazer como objeto pertencente ao sujeito, algo acoplado a sua existência, enquanto corpo. E segundo, Foucault (2008), é por essa qualificação e o que o sujeito tem a oferecer por essa competência é que o valor de seu trabalho se dará, por isso que ele traz o conceito de “fluxo de renda”. Ou seja, “(...) vai começar sendo salários relativamente baixos no momento em que a máquina começa a ser utilizada, depois vai aumentar, depois Vai diminuir com a obsolescência da própria máquina ou o envelhecimento do trabalhador na medida em que ele é uma máquina” (FOUCAULT, 2008, p.309).

Nessa linha de pensamento, é pertinente analisar como o sujeito é um objeto de poder das relações econômicas, a partir do momento que se pode destacar que o valor do seu trabalho depende de sua produção, e conseqüentemente, de sua qualificação e/ou competência. E isso, hoje, está sendo atrelado à rede de possibilidades que as TDIC podem proporcionar ao sujeito e a que tipo de qualificação pode ser potencializado, a partir do momento que o espaço e o tempo não são equivalentes aos da Idade Média e nem da Sociedade Moderna, onde novos corpos estão sendo assujeitados.

Conforme Santos e Klaus (2013, p. 73): “No neoliberalismo, o *Homo oeconomicus* não é um sócio de intercâmbio. É um empresário de si mesmo”. Ou seja, ele tem autonomia para estar diante das inovações e estar conectado para caminhar junto. Para o entrevistado 2, o sujeito diante das tecnologias, pode vislumbrar meios para atender as dificuldades:

Antigamente, era datilografia, até depois da datilografia, eram os cursos de informática, hoje nem precisa de curso de informática, o sujeito ele tem autonomia, aquilo que a gente tava dizendo, ele criou essa habilidade para aprender as coisas, e se tem dificuldade, em montar um arquivo, ele vai lá na internet e pesquisa. Existem tutoriais pra isso, então, quando se tem uma formação que resulta pra o sujeito possibilidades de ter um bom êxito para o mercado de trabalho, eu acho que é envolvente, ela traz potencial pra isso (ENTREVISTADO 2).

Ou seja, como pode ser visto, as TDIC e suas interfaces favorecem nas condições para o sujeito se adaptar aos novos moldes contemporâneos. Pois, para o entrevistado 2, “E a gente percebe hoje, que os horários de trabalho eles são flexíveis, então, não precisa necessariamente eu estar fisicamente no meu trabalho, eu posso resolver alguma coisa,

distante do meu trabalho”. É por essa flexibilidade que se constroem e se firmam as estratégias da formação por via tecnológica, em que o sujeito se torna ativo. Mesmo sem trazer um afirmação, o entrevistado 3 coloca a seguinte consideração ao ser indagado sobre a diferença de um sujeito formado pelas TDIC e outro não : “Eu acho que sim, teria que ter um estudo pra ver isso, mas eu acredito que as habilidades que as tecnologias dão, torna esse aluno muito mais ágil, muito mais dinâmico, a gente precisa ter estudos pra ver isso”.

Como foi colocado, o entrevistado 3 não traz de forma convicta, dizendo que precisaria de estudos para comprovação, mas pode-se vislumbrar que em sua fala, há habilidades que podem ser compreendidas, como também foi perceptível durante a análise do discurso de outros participantes da pesquisa. Podemos pensar, neste sentido, que as estratégias de ensino e aprendizagem com o uso das TDIC, abrangendo um leque de interfaces que constroem condições para o desenvolvimento de potencialidades pessoais são técnicas de promoção de subjetividades, com a produção de um aluno criativo, ativo e/ou autor. Ou seja, compreender que o sujeito está imerso num complexo de mudanças e transformações, tais mudanças e transformações são guiadas pelas constantes inovações tecnológicas.

Conclusão

Hoje, a sociedade exige habilidades e competências, e para isso, o corpo precisa de formação para atender aos requisitos buscados. Com isso, os olhos se buscam por espaços que constroem o conhecimento, onde perpassa o processo de ensino e aprendizagem, em que têm instrumentos que formalizem o controle, a disciplina, e o saber. O ambiente educacional perpassa um viés de construção do conhecimento, e principalmente, do sujeito. Nele, está posto uma rede de estratégias para o seu funcionamento. Dentro desta pesquisa, foi apropriada a análise dos discursos dos docentes entrevistados, para problematizar o processo de construção de seus currículos. Para tanto, foram evidenciadas algumas ações que são realizadas e que surtam efeitos para colaborar com a formação de seus discentes.

Dentre essas ações, foi analisado um currículo que traz as TDIC como ferramentas de estratégias de ensino para auxiliar nas produções dos sujeitos, como também para promover experiências de ensino com uso das TDIC e suas interfaces, de modo que colaboram para a exemplificação de metodologias que podem ser utilizadas a partir do momento que esse discente passa a ser um sujeito do mercado de trabalho. Num mesmo segmento, tem-se também a formação desse sujeito diante da possibilidade de adquirir

mecanismos que o consolida como um sujeito apto para atender as exigências do mercado de trabalho. Assim, com diversas exigências que são buscadas, a partir de cada inovação, o sujeito precisa estar condicionado a atender, já que a sociedade se caracteriza pela competitividade.

Ao trazer o viés de considerações sobre as relações de poder e seu envolvimento com os passados contextos históricos, a pesquisadora, trouxe o enfoque da pesquisa. Assim, para entender como as TDIC estão relacionadas nas promoções de subjetividades, a partir da estruturação curricular que se apropriam destes dispositivos tecnológicos, foi necessário entender, sob a ótica de Michel Foucault, o biopoder. Com isso, foi trabalhada a perspectiva de um sujeito dito autônomo. Dito pelo fato de que novas formas de poder foram instauradas, e dessa forma, em que provocam novos assujeitamentos, novas subjetividades. Entendendo que não se dá pelo envolvimento de forças físicas como no poder soberano, mas por uma guia de formação que de forma tendenciosa, provocam resultados.

Referências

BRÍGIDO, Edimar Inocêncio. Michel Foucault: Uma Análise do Poder. **Rev. Direito Econ. e socioambiental**, v. 4, n. 1, p. 56-75, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/direitoeconomico-12702.pdf>>. Acesso em: 05 nov 2016.

CASTANHEIRA, Marcela Alves de Araújo França; CORREIA, Adriano. A constituição do sujeito em Michel Foucault: práticas de sujeição e práticas de subjetivação. **63º Reunião Anual da SBPC**, 2011. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/mestrado/trabalhos-mestrado/mestrado-marcela-alves.pdf>. Acesso em: 15 fev 2017.

CUNHA, Érika Virgílio Rodrigues da. O currículo e o seu planejamento: concepções e práticas. **Revista Espaço do Currículo**, v. 3, n. 2, set./mar. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/9667>>. Acesso em: 05 out 2016.

FERREIRINHA, Isabela Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, v. 44, n. 2, p. 367-383, mar./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>>. Acesso em: 10 nov 2016.

FONSECA, Elias Antonio Almeida da; BERRÉRE, Eduardo. Possibilidades e desafios na utilização e seleção de tdic para o ensino de matemática em escolas públicas. **VI Congresso Internacional de Ensino da Matemática, 2013**. Disponível em: <http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/ciem/vi/paper/viewFile/1343/568>. Acesso em: 02 mar 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault: uma trajetória Filosófica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/danypereira509/dreyfus-rabinow-michel-foucault-uma-trajetria-filosfica-para-alm-do-estruturalismo-e-da-hermenutica>>. Acesso em: 14 maio 2017.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975- 1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FURTADO, Mariama Augusto; SZAPIRO, Ana Maria. Novos dispositivos de subjetivação: o mal estar na cultura contemporânea. **Revista Polis e Psique**, v. 6, n. 2, p. 166-185, 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/55222/pdf>>. Acesso em: 09 nov 2016.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LOUREIRO, Carine Bueira. **Disseminação das tecnologias digitais e promoção da inclusão digital na educação pública**: estratégias da governamentalidade eletrônica. São Leopoldo: UNISINOS, 2013, 210f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós- Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, abr. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17993>>. Acesso em: 20 maio 2017.

NETO, Leon Farhi. **Biopolíticas**: as formulações de Foucault. Florianópolis: Cidade Futura, 2010.

NEVES, Claudia Vidaletti Matos. As relações de poder presentes no currículo escolar dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Itajaí (SC). **X ANPED Sul**, 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/8380.pdf>. Acesso em: 02 nov 2016.

OLIVEIRA, Jane Cordeiro. Conhecimento, currículo e poder: um diálogo com Michel Foucault. **Espaço Pedagógico**, v. 23, n. 2, p. 390-405, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/rep/article/viewFile/6544/3965>>. Acesso em: 14 maio 2017.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de. CURRÍCULO: um instrumento educacional, social e cultural. **Revista Diálogo Educacional**, v. 8, n. 24, p. 535-548, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=2039&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 03 nov 2016.

PACHECO, José Augusto. Currículo: entre teorias e métodos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, nº 137, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a04.pdf>>. Acesso em: 17 nov 2016.

PELBART, Peter Pal. **Vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PEREIRA, Maria Zuleide da Costa et. al. Educação e escola no século XXI: tensões e desafios. **Espaço do Currículo**, v.6, n.2, p.218-222, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/17159/9759>. Acesso em: 16 fev 2017.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. Métodos qualitativos na pesquisa em saúde. In: POPE, Catherine; MAYS, Nicholas (Orgs.). **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**; tradução de Ananyr Porto Fajardo- 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

POPKEWITZ, Thomaz S. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Orgs.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SANTOS, Iolanda Montano dos; KLAUS, Viviane. A Inclusão e o sujeito empresário de si. In: FABRIS, Elí T. Henn; KLEIN, Rejane Ramos (Orgs.). **Inclusão e biopolítica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Lenildes Ribeiro. UNESCO: Os quatro pilares da “educação pós-moderna. **Revista Inter Ação**, v. 33, n. 2, p. 359-378, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/5272/4689>>. Acesso em: 20 set 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo, cultura e sociedade. **Educação UNISINOS**, v. 5, n. 9, p. 157-171, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6496>> Acesso em: 10 jun 2017.

Recebido em: 08.12.2018

Aceito em: 05.02.2019